

«Ey por bem e sem embargo do que se contem na prouisão escrita na outra meia folha atras perque mandey extinguir todos os officios que na casa da moeda do Porto auya que os officiaes que seruião na dita casa da moeda que inda oje viuem gozem dos privilegios que com elles tinhão e tem sem embargo dos ditos officios pelo dito aluará se extinguirem o que assy me praz com declaração que asy como forem morrendo os officiaes que os seruiam se acabarão tambem os ditos privilegios como que nesta apostilla se contem mando que o dito aluará se cumpra e fique sempre em seu vigor e esta apostilla que será registada onde o dito aluará o está e valerá como carta sem embargo da ordenação em contrario. Sebastião Pereira a fez em Lisboa a doze de setembro de mil bj^c e sete. João da Costa a fez escrever.»

(Torre do Tombo — Chancellaria de D. Filipe II, liv. XVI, fl. 246).

SOUSA VITERBO.

Apontamentos arqueológicos do concelho de Marco de Canaveses

Castro do Freixo

O concelho do Marco de Canaveses é, no que respeita à arqueologia, muito rico.

Quási todas, senão todas as frèguesias, tem monumentos e, alguns de valor. No que creio, porém, que ultrapassará os demais do país, é no dominio inscultural, podendo dizer-se que é verdadeiramente um livro aberto em granito, tantas e tam variadas insculturadas apparecem. O livro está, porém, truncado; faltam-lhe muitas fôlhas, e das que restam muitas estão rasgadas. Por *insculturadas* devemos entender, não obras de arte, mas rudes desenhos lavrados em penedos, e bem assim covinhas e fossas de várias dimensões, aí abertas.

Apertado entre os rios Tâmega e Douro, entre estes e o Marão, erigido das cristas dos castros, Arados, Boi, Vila-Boa, ainda hoje patenteia os restos de muitas civilizações, desde a pedra polida até as tôrres solarengas (Vinhal, Cadimes, Nuvões, figs. 1 e 2, Porto-carreiro, Pena, fig. 3).

Por várias vezes, sobretudo por instigações constantes de meu pai, João de Vasconcelos Carneiro de Meneses, tem sido o concelho visitado e um tanto explorado pelo amigo José Leite de Vasconcelos e pelo nunca esquecido Francisco Martins Sarmiento, os quais sempre que por aqui vinham levavam o alforge carregado. Assim, dos achados arqueológicos parte está em Guimarães, parte em Lisboa; há outra parte no Museu do Pôrto, ao qual tenho dado alguns objectos.

Tinha o Dr. Francisco Martins Sarmiento concebido o plano de traçar o mapa arqueológico do norte de Portugal.



Fig. 1. — Tôrre de Nuvões

Meu pai, que lhe tributava a mais íntima amizade, e conhecia de visu e de incessantes peregrinações todos os castros e monumentos dos concelhos do Marco, Baião e Rêsende, queria também contribuir para essa prestantíssima obra com a sua quota parte. Entretanto a morte arrebatava Martins Sarmiento; e com este golpe doloroso, foi-se a meu pai a iniciativa da obra.

Anos havia já que os estudos do concelho tinham parádo em simples notas; vendo eu que estavam condenados a eterno esquecimento, elas, que representavam anos de fadigas e de

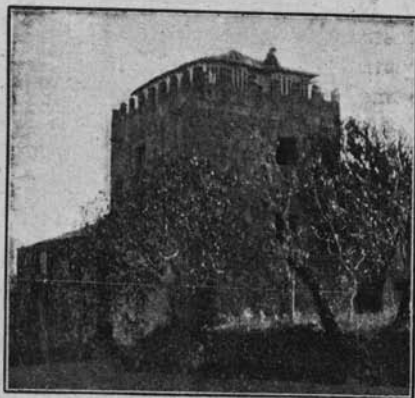


Fig. 2. — Tôrre de Nuvões

pesquisas, — reli-as, depois de visitar os respectivos lugares; e, tanto quanto pude, illustrei-as, e agora as publico.

Além de não ter tempo algum disponível, e de a minha carreira médica não se conformar com estes rodeios científicos, os conhecimentos que tenho da arqueologia são exíguos, senão nulos; — na impossibilidade de fazer trabalho completo, — a minha intenção, ao publicar estes apontamentos, é incitar os especialistas, os amadores da ciência, a estudarem este belo capítulo de arqueologia.

Começaremos a exposição pelo castro ou *briga* do Freixo.

Fica o castro do Freixo num monte erguido entre o ribeiro de Vilar e o rio de Galinhas, duas correntes da bacia hidrográfica do Tâmega. Está mesmo na povoação e frèguesia do Freixo, compreen-

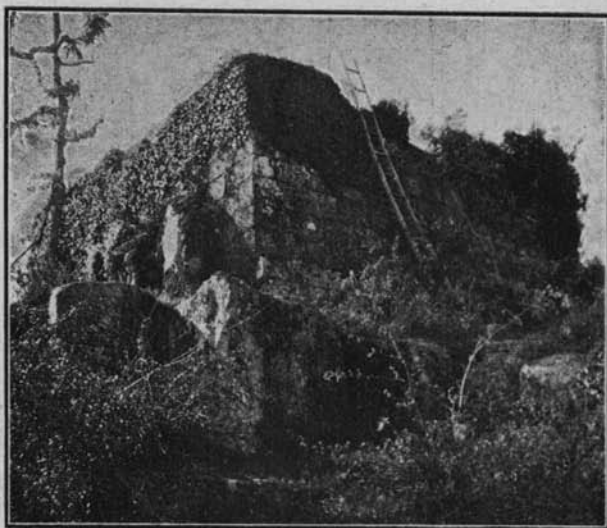


Fig. 3. — Torre da Pena

dida entre as frèguesias de Soalhães, Manhuncelos, Avedasadas, Tuías e Rio de Galinhas: situado junto da estrada rial n.º 34, a 2 quilómetros da cabeça do concelho, aldeia do Marco.

Muitas e muito importantes são as reliquias que conserva este castro; mas de maior riqueza seria, se elle, como quasi todos os outros castros, tivesse sido desamparado de seus moradores primitivos. Infelizmente para a sciência, parece que nunca deixou de ser povoado. Em remotos tempos foi importante frèguesia, da apresentação do mosteiro de Tuías, com muitos fogos e habitantes. O Freixo tinha, em 1830, 122 fogos, e pertencia ao extinto concelho de Soalhães. Aí se fazia anualmente em Março uma feira notável, que durava além

de um mês. Actualmente, como a estrada rial passa perto da povoação, e sobretudo pelas dificuldades da vida e pobreza do solo, tem-se aí dado um notável despovoamento. Entrando na povoação, não poucas casas se encontram em ruínas; doutras só há vestígios.

A maior parte dos terrenos hoje cultivados estavam a monte por 1830; nesta ocasião uma familia de lá, a familia dos Serpas, augmentou a casa, sorribou e arroteou os terrenos circunvizinhos, de sorte que muitos objectos archeológicos que jaziam enterrados, olaria, etc., foram destruídos. Contaram-me que, por ocasião dessas obras, appareceram muitas cousas, *obra de Mouros*, que alguns guardaram, mas perderam, outros quebraram à busca dos tam decantados tesouros. Nesse tempo ainda a archeologia estava nas sombras, campeava livremente o ciprianismo, e tudo desapareceu, a não ser aquele rumor das talhas, das bilhas e púcaras com dinheiro. Por 1880 um Português, enriquecendo no Brasil, nostálgico volta ao torrão natal para aí acabar seus dias. Alarga o lar paterno, adquire terreno, levanta casa, sorriba, arroteia, ergue socalcos, construe estradas, explora minas, emfim reforma e inova tudo a seu bel-prazer. Ora, como é sabido, as inovações são sempre a sepultura das antigualhas. Ao tempo das obras já meu pai e o falecido médico José de Barros e Silva Carneiro se dedicavam a estes estudos. Foram por lá, o que não impediu que um marco miliário fôsse destruído. Nessas obras contam que, ao explorar a mina que hoje está canalizada para a margem da estrada rial, appareceu um aqueduto soterrado.

As insculpturas tiveram igual sorte. Junto à casa dos Serpas estão uns penedos muito curiosos pelas suas insculpturas; estão porém incompletos, porque dali tiraram pedra para uma capela, e para augmento da casa e respectivos canis.

Da mesma sorte as construções: os muros de vedação dos olivais circunvizinhos são feitos pela argamassa das abóbadas e paredes.

Correndo hoje o Freixo, encontra-se o solo todo juncado de cacos, tijolos, etc.; aqui uma columna que serve de suporte a uma espigueira, além uma mó, pedras com almofada encravadas nas paredes. Os habitantes desta terra tiveram sempre especial inclinação para o granito: desde os remotos tempos a que nos reportam as insculpturas, até a actualidade, em que, à busca de água, muito escassa, cavam em plena rocha poços muito profundos.

O Freixo teve muralhas em tempos antigos; quando construíram o caminho que vai da Tragola ao Freixo appareceu uma muralha que cortava perpendicularmente o caminho; parte duma muralha vê-se ainda hoje dentro da propriedade do falecido brasileiro Castro.

Ao explorar a estrada rial n.º 34 appareceu também, em um local desabitado, um poço de extraordinária profundidade, aberto em granito.

Sou de opinião que, apesar da grande quantidade de cousas que tem desaparecido, uma exploração não já nas partes superficiais, mas na zona profunda, sobretudo junto às construções (vulgo Capelas dos Mouros) e no monte chamado da Searinha, devia dar algum resultado, sendo bem dirigida.

I.—Rabela

Logo à entrada da povoação do Freixo, à esquerda, entre o caminho do povoado e a estrada rial, está o sítio chamado *A Rabela*. São aí as primeiras casas da povoação. Compõe-se esta parte de monte e terra lavradia e duns penedos ao S. que chamam *Os penedos da Rebela* e onde vamos encontrar a maior soma de insculpturas. Costumam denominar estes terrenos Rabela de Baixo e Rabela de Cima, visto o terreno ser de grande declive para a estrada rial, declive este de SO. para NE. Conservaremos estas denominações na nossa descrição.

a) RABELA DE BAIXO.

Em uns penedos sobranceiros à estrada rial notamos umas escadinhas, cujo início e fim foram destruídos pelos canteiros. Ao cimo das escadas vêem-se os vestígios de um penedo, que foi quebrado e que certamente apresentava a parte principal. Os degraus sobem de SE. para NO.; o primeiro, o mais inferior, é fortemente talhado na rocha e está em parte destruído: mede 1^m,28 de comprimento na parte superior e apenas 0^m,21 na inferior; a altura vai subindo na mesma direcção das escadas, porque o penedo pende também para o S., e mede 0^m,06 no começo e 0^m,22 na testeira do degrau, de largura mede 0^m,47. Segue-se um plano inclinado de 2^m,18 de comprimento, com leves sinais de relêvo de degraus. É inferior em largura (0^m,33) ao degrau descrito, porque o penedo é escorregadio para este lado, e é possível que fôsse quasi da mesma largura e hoje pôdo pelo tempo, pois que ao cimo já tem a largura de 0^m,41; a parte superior é levemente talhada, e mede 0^m,07 de alto. O degrau immediato mede de altura 0^m,17, de comprimento 0^m,20; o segundo eleva-se 0^m,06 acima do inferior, comprimento 0^m,26 e largo 0^m,46; segue-se então um patamar pequeno que se ergue acima do último degrau 0^m,16, mais largo na parte posterior (0^m,70) do que na anterior (0^m,58). Está mutilado na parte posterior e o que resta tem de comprimento 0^m,73. O mais importante foi destruído e por todos os lados se vê quebrado o penedo.

Deixando estas escadas e caminhando para o S., para cima, encontramos a uns 20 metros uma cova quadrada ($0^m,36 \times 0^m,36$), cavada no cimo duma fraga pequena; não está muito bem conservada: tem de altura $0^m,07$ ao N. e $0^m,04$ ao S. Não tem bueiro, nem sulco algum aferente ou eferente.

Uns 80 metros ao L., subindo, fica a Rabela de Cima.

b) RABELA DE CIMA.

Compõe-se esta parte dos penedos da Rabela, uns largos e grandes fragões. A meio dos penedos e encostado ao muro de vedação vê-se uma grande fossa rectangular, da qual falta a parede inferior. Mede $3^m,15$ de comprimento e $2^m,50$ de largura; a parede superior, fortemente talhada na pedra, tem $0^m,70$ de alto. No alto desta parede, e com uma parte já destruída, está uma covinha pequena, quasi circular, $0^m,10 \times 0^m,08$, de igual diâmetro no fundo, e alta $0^m,06$. A covinha era certamente circular, porque a parte que tem menor diâmetro é a que está destruída.

A parede lateral da fossa é declivosa e mede de altura $0^m,50$ ao cimo e apenas $0^m,07$ ao fundo.

A fossa apresenta leve declive para o L., para onde certamente escoava; a pedra neste ponto, e mais inferiormente, foi destruída, e, como hoje está, não se conhecem vestígios de bueiro ou sulco; porém $1^m,5$ abaixo da fossa notamos um sulco que era, pode dizer-se quasi com certeza, a via eferente, pois que o sulco é inclinado também para baixo. O sulco descreve duas curvaturas que formam um S, e some-se depois debaixo da parede de vedação. As medidas são: comprimento 2 metros, largura $0^m,13$ ao cimo, $0^m,16$ no fundo, e altura $0^m,21$ no cimo, e $0^m,03$ ao fundo.

Está circundado por cinco covinhas dispostas do seguinte modo: uma superior e quatro inferiores, e destas uma isolada em face da superior, e três em grupo mais inferiormente colocadas. A superior é a maior, de forma cónica, e mede $0^m,30$ de diâmetro superiormente, $0^m,11$ inferiormente e tem $0^m,20$ de altura. Dista do sulco $0^m,10$. A fronteira dista do sulco outros $0^m,10$, é ovalar e mede $0^m,10 \times 0^m,06$ e tem $0^m,07$ de altura. Inferiormente a estas está o grupo das três pequenas, que distam $0^m,30$ do sulco, e $0^m,48$ da cova maior. Medições: a n.º 5 mede $0^m,10 \times 0^m,08$ e tem $0^m,03$ de altura; a n.º 6 mede $0^m,10 \times 0^m,06$ e tem $0^m,06$ de alto; a n.º 7 tem $0^m,08 \times 0^m,04$ e $0^m,04$ de altura. Estão afastadas umas das outras: do n.º 5 ao n.º 6 há $0^m,05$; do n.º 6 ao n.º 7 há $0^m,14$; do n.º 7 ao n.º 5 há

0^m,05. Como se vê das duas medidas, são ovulares e são também de diâmetro inferior mais estreitas, de forma aproximadamente cónica.

Acima da fossa grande, junto ao ângulo do NO. e afastada dêste 0^m,26, está uma sepultura talhada na rocha, mas já bastante apagada, tanto que o único relêvo que lhe resta, e a demonstra, é o relêvo S. A cabeceira, como a de todas, está voltada ao poente; tem de comprimento 2 metros, de largura 0^m,46; a altura no rebaixe S. é de 0^m,07. Entre esta sepultura e o NO. da fossa quási intermédia (0^m,09 da sepultura, 0^m,13 da fossa) está uma covinha ovalar 0^m,08 × 0^m,05, funda 0^m,05 e com diâmetro inferior a 0^m,03; é, como as restantes, mais ou menos de forma cónica.

Separada para o NO. da fossa e sepultura respectivamente 5 e 4 metros, encontra-se outra fossa de forma rectangular, quási encostada à corte ou loja que se vê ao cimo do penedo. A orientação da cova é SE.-NO. segundo a maior dimensão (0^m,90) da cova. A largura é de 0^m,40 e a altura é de 0^m,09 nas testeiras SE. e NO. e de 0^m,15 e 0^m,13 respectivamente SO. e NE. Esta fossa tem o fundo de nível e não apresenta bueiro de escôo nem sulco algum aferente ou eferente, nem comunicação com outra qualquer fossa.

Seguindo o muro da corte ou loja coberta de colmo, para baixo há um rebaixo, um corte, apumado no penedo, de 4 metros de altura, no fundo do qual se vê uma fossa rectangular; mede esta cova 1^m,36 de comprido por 6^m,57 de largura, tem 0^m,25 de fundo. Está orientada na direcção de N.-S., segundo o comprimento. Tem esta fossa à flor de nível um sulco pequeno inclinado da fossa para fora, S.-N., cujas dimensões são 0^m,72 de comprido, largura 0^m,06 ao cimo, 0^m,05 ao fundo e cavado de 0^m,03.

Dentro da corte, com o já citado rebaixe de 4 metros, notei que o pavimento dêste era talhado em pedra bastante lisa e com alguns sulcos dirigidos para a porta da mesma corte; alguns entrecruzavam-se. Parecem-me recentes e serviam, certamente, para escôo dos líquidos da corte. Dou-os porém como muito duvidosos, e decerto não referiria esta parte se não fôra haver nos mesmos fragões contiguamente duas fossas rectangulares e algumas covinhas. Estão cavados numa fraga, de nível com o solo adjacente. A maior mede 1^m,90 de comprido por 1 metro de largura e tem 0^m,25 de profundidade. A menor tem 0^m,80 de comprimento, de largura 0^m,55 e de altura 0^m,25. Estão ligados actualmente por um estreito canal ou sulco. Êste canal é recente e o que primitivamente existia era um simples bueiro. Esta alteração deve-se a não estarem as duas pias dentro da mesma corte, a maior dentro encostada ao muro, a menor de fora da corte; o proprietário,

querendo dar vazão à pia interior, e não lhe servindo o bueiro, alargou-o e converteu-o num sulco.

A fossa exterior está hoje muito deteriorada e quasi se lhe não conhece forma de fossa, porque tem servido para montureira; vi-a porém quando ainda estava em bom estado.

Além destas mencionarei mais três pequenas fossas, uma quadrangular e duas circulares, dispostas junto da mesma corte, cujas medidas não dou porque o locatário as alargou e modificou para os seus serviços domésticos.

Inferiormente a este grosso maciço de fragões, 12 metros para o leste, encontramos num penedo nivelado com o solo, o resto de uma fossa, apenas representada por uma parede do lado S. que mede 3^m,30 de comprimento e 0^m,20 de profundidade; do lado do L. há ainda uns 0^m,40 de parede e nada mais. Abaixo desta gravura, para norte numa fraga ao nível do solo três covas dispostas em linha recta. A mais próxima mede 0^m,20 de diâmetro, tem 0^m,09 de profundidade, a imediata 0^m,05 de diâmetro e 0^m,03 de fundo, a terceira de forma ovalar 0^m,22 × 0^m,13 mede 0^m,10 de profundidade. São todas afuniladas.

Assim temos descritas as primeiras gravuras em granito. Recapitulando observarei mais uma vez que todas as covinhas são de forma cónica ou, melhor dizendo, afunilada, de diâmetro inferior mínimo. Quanto à presença da sepultura junto da fossa, parece-me esta muito posterior àquela e sem relação nenhuma com ella, atendendo já ao estado de conservação de ambas (a sepultura quasi apagada), e que a fossa parece destinada a usos puramente agrícolas.

Esta parte, como todas as demais devia ser riquíssima, mas o que os exploradores de pedra deixaram, aí fica descrito.

II.—Outeiro das Castanhas

O chamado Outeiro das Castanhas é um morro de pedra levantado um pouco adiante da Rabela e à esquerda do caminho que é, aí já, a rua central da povoação. É a parte mais elevada do Freixo, donde se descobre vasto e bonito panorama.

Aí encontramos: uma sepultura, sete covinhas e uns restos de insculpturas que se nos apresentam hoje como superficies planas trabalhadas nos penedos, uma inferior outra levemente superior a esta.

A sepultura (fig. 4), a mais bem conservada que existe no Freixo, cavada numa fraga, mede 1^m,90 de comprimento, de largura 0^m,24 na cabeça, 0^m,47 ao meio, 0^m,25 nos pés, tem de altura 0^m,27.

Na gravura onde está a letra *O* ficam os pés.

A fraga onde está esta sepultura tem para o S. e a pequena distância da sepultura (0^m,12) um corte fundo (0^m,31) intencional.

Dos pés da sepultura parte uma série de covas, que descrevem uma curva de forma de espiral. São sete, todas de forma imperfeitamente quadrangular, de ângulos rombos. A primeira distante dos pés da sepultura 0^m,42 mede 0^m,40 de comprido por 0^m,29 de largura, tem de profundidade 0^m,14; a segunda dista da primeira 0^m,39 e tem 0^m,39 de comprido por 0,23 de largo, tem de profundidade 0^m,13, a terceira dista da precedente 0^m,43 e mede 0^m,43 de comprimento por 0^m,19 de largura e de profundidade 0^m,16; a quarta dista da anterior

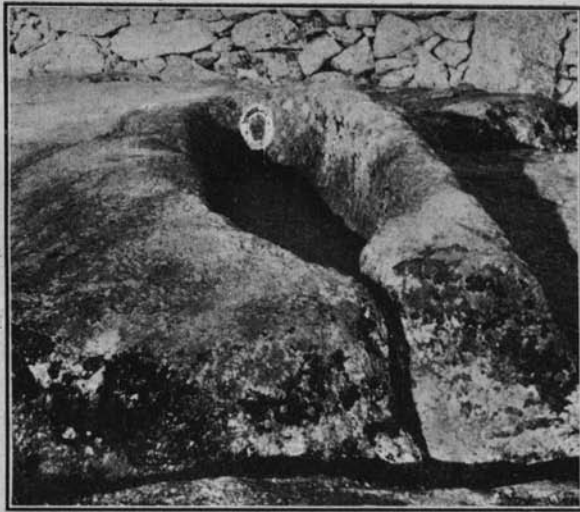


Fig. 4. — Outeiro das Castanhas

0^m,88 e mede 0^m,40 × 0^m,20, funda de 0^m,15; a quinta dista desta 1^m,40, as medidas são 0^m,38 × 0^m,19 e funda de 0^m,09; a sexta fica a 0^m,96 da precedente; mede 0^m,38 × 0^m,19, funda de 0^m,07; a sétima dista da sexta 1^m,50, mede 0^m,46 × 0^m,20, funda de 0^m,14.

Seis passos a O. da sepultura estão talhados os tais restos de insculpturas. É um corte em Z na rocha, sendo a parte inferior plana e lisa, e da superior só parte dela.

III. — Tapada de Ambrães

Fronteiro à Rabela, do outro lado do caminho da povoação, está uma bouça de mato, chamada a *Tapada de Ambrães*, onde vamos

encontrar novas insculpturas. A uns sessenta passos do caminho, para o poente, ergue-se do solo, em breve relêvo, uma fraga extensa, destruída já em parte pelos pedreiros. Na face do penedo, voltada para o caminho, e como o mostra a nossa gravura (fig. 5), vê-se gravada uma fossa, quadrangular, em bom estado de conservação. Das quatro paredes da *fossa*, três são talhadas no granito e a outra era formada por uma tapadoura móvel, que encostava para cima a dois cortes feitos no penedo e para baixo a um pequeno relêvo da fossa, que lhe servia de anteparo, medindo 0^m,06 de altura. A fossa tem grande declive para a parte da tapadoura e apresenta um sulco, para mais fácil escôo, que vem cair a uma espécie de lagareta. Esta cavidade não é lagareta, nem disso apresenta vestígios; nemi tem parede anterior; é assim uma depressão feita para colhêr o que vinha da fossa e que ali caía como uma bica. Ao cimo da fossa, para N., há um pequeno rebaixe na pedra e uma superfície plana e um tanto polida,



Fig. 5. — Tapada de Ambrões

com um leve declive para a fossa. Far-se-ia aqui a expressão e recolher-se-iam os líquidos expremidos na fossa? Parece-me, mas não afirmo; o que não há dúvida é que estas gravuras eram para usos agrícolas, e nem eu vejo nelas cousa alguma de suspeita em contrário. Para subir à fossa há um degrau inútil hoje porque o penedo é de fácil acesso.

Ao lado da parede N. desta fossa está uma covinha circular, afunilada.

Quási paralela à parede S. da fossa corre ao longo do fragão um largo e comprido sulco muito visível na fotografia. Origem e fim desconhecidos, um e outro destruídos; comunicação não a tem com nenhuma das fossas insertas neste penedo. É aproximadamente de nível em toda a extensão; e, como hoje se apresenta, não sei adivinhar qual seria o uso que lhe deram (para rega não; porque além

do terreno ser duma secura sahariana, o sulco está muito superior ao nível do solo; também não há pregas nem depósitos de água superiores. ¿Se em tempos idos os houvesse para que serviria um sulco tam afoito para tam diminutas águas?.

Para o S. do sulco encontrámos mais duas insculpturas. A primeira consiste numa covinha levemente ovalar, afunilada, com um sulco pequeno que desce para S., para onde pende o penedo. A segunda, num plano inferior à primeira $0^m,25$, é uma cova rectangular da qual só existem as paredes N. e L. Junto à parede do N. está uma covinha ovalar de forma afunilada. Estas não tem comunicações entre si nem com as demais gravuras.

A parede do NO. tem $1^m,75$ de comprimento e mede de altura $0^m,09$ no ângulo de O., $0^m,19$ no meio e $0^m,12$ ao fundo. A parede do SO. mede $1^m,99$ de comprimento e tem de altura $0^m,14$ até o rebaixe e daí em diante $0^m,09$. A parede do SO. mede $1^m,63$ de comprimento e tem de altura $0^m,15$ ao cimo e $0^m,24$ no meio. A parede do NO. mede de comprimento $2^m,53$.

A cova circular tem de diâmetro $0^m,12$ e de profundidade $0^m,10$; o diâmetro inferior é muito pequeno porque a covinha é afunilada.

O sulco mede $1^m,47$ de comprimento e de largura $0^m,10$ no cimo e $0^m,13$ no fundo, a profundidade varia entre $0^m,01$ a $0^m,03$.

O recorte onde o sulco precedente vem cair, mede $0^m,33$ de comprimento por $0^m,21$ de largura. É de desigual altura devido ao relêvo da própria fraga, pois que o castro é plano e pende também na mesma direcção do sulco e fossa grande. Assim mede $0^m,06$ a SO., onde vem dar o sulco, $0^m,13$ e $0^m,04$ respectivamente nas paredes NO. e SE.

As cantoneiras de encôsto medem: a da esquerda de comprimento $0^m,40$ e de altura $0^m,10$; a da direita é uma verdadeira cantoneira com duas paredes, uma ($0^m,24$ de comprimento e $0^m,12$ de alto); a outra, formando um ângulo recto com esta ($0^m,14$ de comprimento por $0^m,09$ de alto), formava o ponto de apoio da tapadoura para se não mover no sentido longitudinal. Desta sorte ficava pois a tapadoura privada dos deslocamentos antero-posterior e vice-versa pelos encostos e o relêvo, e de movimentos de lateralidade pelo recorte descrito.

O degrau tem de comprimento $0^m,30$ e de largura $0^m,48$. A altura é de $0^m,19$ na parede superior e de $0^m,11$ nas laterais.

Mencionadas as dimensões indicarei as distâncias: do degrau ao sulco grande $0^m,47$; do degrau à fossa grande $0^m,59$.

O sulco mede $3^m,78$ de comprimento por $0^m,47$ de largura na parte anterior e $0^m,38$ na parte posterior. Tem de profundidade $0^m,22$.

Outra gravura, composta de uma covinha e um pequeno sulco, tem as seguintes dimensões: a covinha $0^m,12 \times 0^m,08$ e tem de profundidade $0^m,015$; o sulco que se lhe segue $0^m,51$ de comprimento por $0^m,08$ de largo e $0^m,04$ de profundidade.

A fossa quadrada, da qual restam só duas paredes¹ e os vestígios, mui apagados das outras duas, mede: a parede NE. $0^m,51$ e a parede NO. $0^m,30$ e de profundidade respectivamente $0^m,06$ e $0^m,03$.

A covinha tem o seu grande eixo ($0^m,06$) no sentido da parede NO. e tem de largo $0^m,025$ e de profundidade $0^m,01$.

IV. — Quintal da Venda

Seguindo caminho fora, atravessando o povoado, passada a igreja paroquial, chegamos a um pequeno rocio onde hoje se vê uma cruz de pedra alçada. A pedra que antigamente formava o pedestal da cruz é uma ara votiva que hoje se acha no Museu Etnológico de Lisboa². Em frente da cruz para o poente está uma pequena propriedade, composta de casa e quintais, que tem o nome de Casa e Quintal da Venda; nesta casa está desde longa data estabelecida uma vendarola: daí o nome. O quintal estende-se paralelamente ao corpo da igreja paroquial e a uns cinquenta passos desta.

É esta zona muito abundante em sepulturas. Assim visíveis encontramos sete, e fui informado, de que no adro quando procediam aos enterramentos encontraram quatro *caixões de pedra* (*sic*) de forma de corpo humano, onde alguns foram sepultados recentemente.

Junto à porta da Venda disseram-me que havia uma, mas está coberta.

Investiguei se essas sepulturas tinham alguma cousa, respondendo-se-me que estavam vazias.

O primeiro grupo de insculpturas acha-se dentro duma corte coberta de colmo (fig. 6).

São cinco sepulturas em grupo abertas em granito, três de adulto, uma de criança e outra sumida sob o muro da corte perceptível apenas pela cabeceira até as ombreiras. A fotografia representa só quatro porque a quinta, inferior a estas, não pôde ser fotografada. Não pude verificar porque para ali o pavimento exterior (que é o adro) é bastante superior ao da corte.

¹ Meu pai chegou a ver esta fossa completa. A destruição das paredes SO. e SE. é de data recente.

² Vid. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, III, 230, fig. 98.^a

Além das sepulturas notam-se ainda dois buracos cónicos, um representado na fotografia (X) e o outro do lado oposto não visível na fotografia. Medem de diâmetro o primeiro 0^m,18, o segundo 0^m,18; de profundidade o primeiro 0^m,15, o segundo 0^m,15. No fundo diâmetro 0^m,08.

Ainda na mesma fraga à entrada da corte na parte exterior uma cova de forma rectangular. Tem só três paredes e o penedo nesse ponto foi destruído pelos pedreiros. Tem de comprimento 0^m,45 e de largura 0^m,59. A profundidade é de 0^m,20 na parede superior e de 0^m,15 nas laterais. Pelo que se vê parece uma fossa ou um degrau ou estribo.

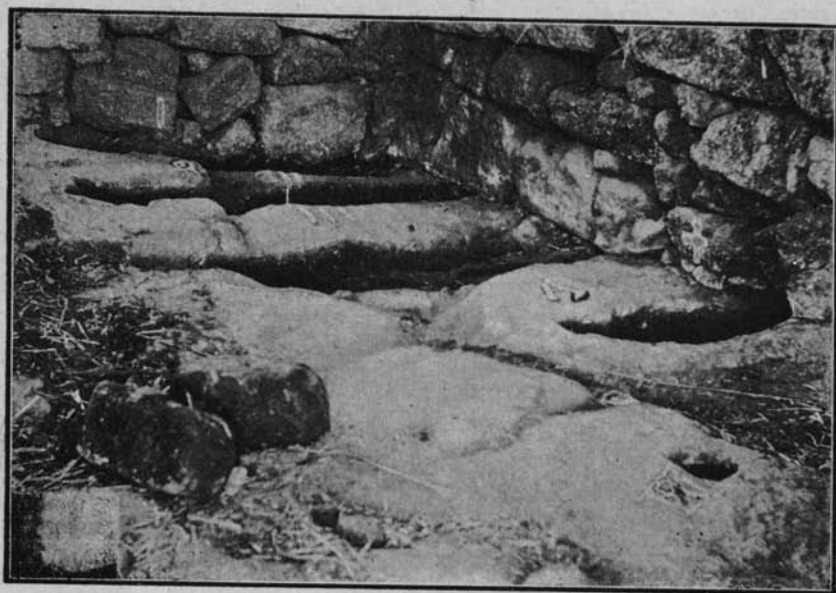


Fig. 6. — Quintal da Venda — Sepulturas

Deixando este grupo, encontrámos logo a seguir numa outra corte muito próxima uma outra sepultura. Não a pude medir, porque estava a corte ocupada por cevados. É igual às precedentes.

Seguindo para diante, num penedo encostado a esta última corte, está aberta uma fossa rectangular e lateralmente duas covas pequenas muito superficiais e também rectangulares. A fossa tem dimensões inferiores mais pequenas; tem a forma duma gamela uma pirâmide rectangular truncada de base superior. Esta fossa tem bueiro de escôo e o pavimento sensível inclinação para êle. As covas laterais consistem em pequenos recortes no granito, onde se erguiam dois

pilares de pedra, um de cada lado da fossa. Lembro-me de ter visto ali ainda um pilar levantado, há anos; hoje já lá não está. As medidas são as seguintes: fossa, comprimento 1^m,31, largura 1^m,02, altura 0^m,18; inferiormente: comprimento 0^m,77, largura 0^m,75. As covas de assentamento dos pilares medem respectivamente: comprimento n.º 3 0^m,51, n.º 4 0^m,50; largura 0^m,45 uma, 0^m,50 a segunda; profundidade 0^m,03 a primeira, 0^m,08 a outra. Convém notar que a n.º 4 tem uma das paredes laterais destruída a que é paralela à parede da fossa.

Mais adiante, seguindo para o poente, a uns 70 metros da fossa descrita, depara-se-nos uma outra sepultura (fig. 7) aberta também em pedra e nivelada com o solo pela parte superior e erguido de 1 metro aproximadamente dum quintalejo. Está já um tanto corroída; tem as seguintes medidas: comprimento 1^m,95, de largura 0^m,32 na cabeceira 0^m,51 nas ombreiras, 0^m,27 nos pés, a altura é de 0^m,11 na cabeceira e no meio e de 0^m,04 nos pés.

Para o S., para onde, como disse, há o desnivelamento de aproximadamente 1 metro, notámos os restos dumas escadas cavadas no granito que desciam da sepultura para o quintalejo inferior. Não estão completas e muitas delas foram destruídas. São em número de 5 os degraus; tem de comprimento 2^m,59, largura variável segundo os degraus de 0^m,38 a 0^m,49, altura de 0^m,15 a 0^m,29. Segundo me informaram, o lastro do



Fig. 7. — Quintal da Venda — Sepultura

quintalejo inferior, para onde descem as escadas, é formado por uma calçada de pedras pequenas; não o pude porém verificar.

Ainda no mesmo Quintal da Venda outros restos há de insculpturas, mas tam truncadas, tam estragadas, que não paga a pena descrevê-las miudamente, como sejam: covinhas, sulcos, paredes de fossas e outras reliquias poupadas pelos canteiros que se não pode dizer o que são.

V. — Bouça da Venda

Deixando a sepultura do Quintal da Venda e seguindo para o poente uns 60 passos passámos o muro de vedação do dito quintal e encontrámo-nos num monte inulto, erigido de massas graníticas, e a que

chamam Bouça da Venda ou do Côrte Rial. O monte desce para O. numa rampa muito íngreme, e os penedos gravados tem acesso pela parte superior e fazem escarpa para a parte do poente, inferior.

As primeiras insculpturas que nos aparecem estão situadas à direita da porta da bouça, num frágão encostado ao muro do Quintal.

São compostas por uma fossa rectangular, um grande sulco e 23 covinhas dispostas quási em semicírculo em volta da fossa. O grande eixo da fossa é orientado NO.-SE. (fig. 8).

A fossa mede 0^m,58 de comprimento, 0^m,40 de largura, 0^m,10 de profundidade a NO. e NE. de 0^m,17 a SO. e 0^m,07 a SE. Não tem via alguma aferente, ou eferente, e o sulco que hoje se vê não é regular nem tem indícios de ser trabalhado. A gravura indica-o, mas convêm notar o que acima fica dito.



Fig. 8. — Bouça da Venda

O sulco grande fica mesmo encostado ao muro de vedação a 3^m,28 da fossa e tem declive de NO. para SE. Está destruído em ambas as extremidades. Tem 3^m,11 de comprimento, 0^m,33 de largura e tem

0^m,06 de profundidade ao cimo, 0^m,32 ao meio e 0^m,21 no fundo. Não posso presumir qual fôsse o fim dêste sulco, pois que não aparece, mesmo nos penedos vizinhos, indício algum da sua utilidade. Aqui torno a relembrar o que disse a propósito dum sulco idêntico na tapada de Ambrães; êste penedo é o que está mais elevado no monte; para todos os lados tem uma altura sensível de 1 metro sobre o solo, e não tem em 100 metros em redor ponto algum mais elevado do que o do cimo do sulco. Esta vai com vista aos especialistas.

As covinhas estendem-se em volta da fossa num semicírculo de aproximadamente 1 metro de raio. São todas afuniladas, como as que já temos descrito, e variam de forma entre o círculo e a oval.

As primeiras sete dou-as como duvidosas, parecendo-me mais recentes; contudo descrevê-las hei.

Dimensões:

N.º 1—0 ^m ,06 × 0 ^m ,03 × 0 ^m ,03	N.º 4—0 ^m ,08 × 0 ^m ,04 × 0 ^m ,03
N.º 2—0 ^m ,05 × 0 ^m ,02 × 0 ^m ,02	N.º 5—0 ^m ,10 × 0 ^m ,06 × 0 ^m ,06
N.º 3—0 ^m ,07 × 0 ^m ,03 × 0 ^m ,03	N.º 6—0 ^m ,09 × 0 ^m ,05 × 0 ^m ,04

N.º 7—0 ^m ,08 × 0 ^m ,08 × 0 ^m ,04	N.º 16—0 ^m ,07 × 0 ^m ,06 × 0 ^m ,05
N.º 8—0 ^m ,05 × 0 ^m ,04 × 0 ^m ,04	N.º 17—0 ^m ,12 × 0 ^m ,04 × 0 ^m ,03
N.º 9—0 ^m ,06 × 0 ^m ,06 × 0 ^m ,04	N.º 18—0 ^m ,09 × 0 ^m ,04 × 0 ^m ,03
N.º 10—0 ^m ,07 × 0 ^m ,07 × 0 ^m ,05	N.º 19—0 ^m ,09 × 0 ^m ,07 × 0 ^m ,04
N.º 11—0 ^m ,08 × 0 ^m ,08 × 0 ^m ,05	N.º 20—0 ^m ,05 × 0 ^m ,03 × 0 ^m ,04
N.º 12—0 ^m ,07 × 0 ^m ,06 × 0 ^m ,04	N.º 21—0 ^m ,07 × 0 ^m ,04 × 0 ^m ,03
N.º 13—0 ^m ,07 × 0 ^m ,07 × 0 ^m ,05	N.º 22—0 ^m ,10 × 0 ^m ,05 × 0 ^m ,05
N.º 14—0 ^m ,07 × 0 ^m ,05 × 0 ^m ,04	N.º 23—0 ^m ,07 × 0 ^m ,05 × 0 ^m ,04
N.º 15—0 ^m ,08 × 0 ^m ,07 × 0 ^m ,06	

Cova quadrada a 1 metro de desnivelamento da fossa quadrada 0^m,16 × 0^m,16 × 0^m,17. Em um penedo a SE. contíguo ou talvez mesmo a continuação dêste em um nível inferior também 1 metro a 1^m,5 duas covinhas 0^m,10 × 0^m,04 × 0^m,03 e 0^m,13 × 0^m,04 × 0^m,04. Um sulco partindo de um dos ângulos da cova quadrada para SO. comprimento 1^m,50, largura 0^m,04, fundo 0^m,02.

5 metros abaixo dêste penedo, em outro mais pequeno e destruído na maior parte, notámos um pequeno corte, degrau ou estribo e mais superiormente uma fossa quadrangular. O degrau tem 0^m,17 de comprimento por 0^m,14 de largura e o recorte tem 0^m,10 de alto. A fossa mede 0^m,52 de comprimento por 0^m,42 de largura; tem 0^m,07 de profundidade na parede O e 0^m,04 nas restantes. O grande eixo é orientado NE.-SO.

Em outro penedo mais abaixo estão abertas as seguintes gravuras: uma fossa rectangular, cinco covinhas pequenas, um sulco pequeno e umas gravuras paralelas a êste já muito apagadas, restos, talvez, de fossas ou escadas.

Subindo ao penedo pela parte superior encontramos primeiro as cinco covinhas dispostas em linha. São pequenas e muito superficiais.

A fossa fica mais adiante na mesma face da fraga orientada SSE.-NNO., bastante apagada, tanto que a face NNO. está reduzida a um insignificante relêvo. Tem de comprimento 1^m,03 e de largura 0^m,22 numa parede e 0^m,33 na parede apagada. A profundidade é de 0^m,07.

Na vertente do penedo, para a parte de baixo e, já, a meia altura desta, estão o sulco e os restos das gravuras. O sulco estreito (0^m,07) tem de comprimento 2^m,56; fundo de 0^m,03 inferiormente a êste 0^m,43 e quasi paralelamente, as gravuras apagadas com igual comprimento.

Imediatamente inferior e em contiguidade com êste penedo, outro está também gravado. Apresenta um sulco bifurcado em Y tendo na

extremidade dos seus três ramos covinhas, circundado também por 11 covinhas, e uma fossa grande, na maior parte destruída e representada por uma das paredes e parte de outra. O penedo tem declive para SO. A haste grande do *Y* está voltada a NO, e as outras duas para SE. No ramo superior, dentro do sulco, está cavada uma pequena covinha.

O sulco parte da covinha *A*, bifurca-se e vai para *D* e para *E*, duas covinhas terminais. O sulco parte e termina à flor de nível das covinhas. A inclinação do sulco, muito leve, é facta, é de *A* para *E* e *D*. Entre o sulco e as demais covinhas e a fossa ou entre estas não há comunicação alguma exterior ou interior.

Pôsto isto passemos aos números.

Sulco—até a bifurcação 0^m,25, largura 0^m,06, profundidade 0^m,05; ramo *B* respectivamente 1^m,12—0^m,04—0^m,04; ramo *C* 1^m,16—0^m,06—0^m,05.

Covinhas:

A 0^m,14 × 0^m,10, fundo de 0^m,10.

D 0^m,10 × 0^m,07, fundo de 0^m,05.

E 0^m,08 × 0^m,03, fundo de 0^m,03.

G dista de *A* 0^m,16, diâmetro 0^m,18 × 0^m,18, fundo de 0^m,12.

H » » *G* 0^m,44, » 0^m,09 × 0^m,06, » » 0^m,06.

I » » *H* 0^m,35, » 0^m,10 × 0^m,07, » » 0^m,08.

K » » *J* 0^m,30, » 0^m,09 × 0^m,07, » » 0^m,05.

L » » *D* 0^m,14, » 0^m,07 × 0^m,05, » » 0^m,03.

M » » *E* 0^m,14, » 0^m,08 × 0^m,05, » » 0^m,04.

N » » *H* 0^m,13, » 0^m,09 × 0^m,05, » » 0^m,03.

P » » *N* 0^m,15, » 0^m,08 × 0^m,05, » » 0^m,04.

R » » *P* 0^m,10, » 0^m,08 × 0^m,05, » » 0^m,04.

C dista do sulco 0^m,15, diâmetro 0^m,10 × 0^m,04, fundo de 0^m,04.

F dista de *A* 0^m,38, diâmetro 0^m,15 × 0^m,07, fundo de 0^m,08.

A fossa dista da covinha *D* 0^m,21 e tem as dimensões seguintes: parede NO. comprimento 1^m,50, profundidade 0^m,36; resto da parede NE. 0^m,56 de comprimento e 0^m,16 de profundidade.

¿Qual seria o fim destas gravuras? Não o sei; a mim se afigura que outro não seria senão o religioso.

Em outro penedo, junto dos que acabamos de mencionar, três covas, duas circulares e uma ovalar, na disposição que representa a gravura. Não tem comunicações umas com as outras, exterior ou interior. A primeira ovalar mede 0^m,20 por 0^m,09 e tem de profundidade

$0^m,09$; é afunilada e no fundo mede $0^m,17 \times 0^m,05$. A imediata, afastada desta $0^m,46$, é circular $0^m,25 \times 0^m,25$ tem de profundidade $0^m,25$. É também cônica e mede $0^m,06 \times 0^m,06$ no fundo. A terceira a $1^m,09$ desta é circular, mas cilíndrica, de igual diâmetro inferior; mede $0^m,13 \times 0^m,13$ e tem $0^m,10$ de fundo.

Uma linha que une as três fica orientada ENE.-OSO.

Para a direita das segundas insculpturas descritas está uma gravura em pedra deveras curiosa; a nossa gravura apresenta-a (fig. 9).

É um recorte na rocha, trabalho intencional, com a forma, talvez, dum banco ou de um assento; não posso conjecturar o que fôsse. Será impróprio? Concorde; os especialistas que dirimam. A superfície do penedo é lisa e de nível com o solo adjacente; mas não é

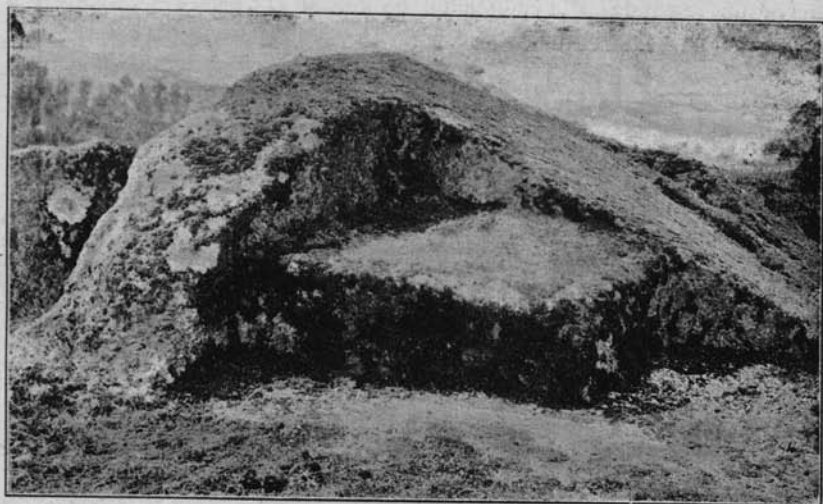


Fig. 9. — Bouça da Venda

natural, foi trabalhado para ficar nivelado. O que eu chamo banco ou assento levanta-se acima do plano $0^m,30$; tem de comprimento $1^m,10$, de largura $0^m,73$ à esquerda e $0^m,54$ à direita.

Tem como se vê uma forma quadrangular. A distância, isto é a altura, entre o assento e a superfície irregular do penedo no ângulo superior é de $0^m,34$.

Mais abaixo do precedente em outro as seguintes gravuras, 10 covinhas, dispostas em dois grupos, o primeiro à entrada do penedo com 7 o outro mais adiante com 3.

Das sete do primeiro grupo cinco estão em linha e duas afastadas não em linha. As cinco estão dispostas de modo que no meio fica uma covinha circular, $0^m,12$ de diâmetro e $0^m,10$ de profundidade,

tendo de cá duas covinhas ovalares, muito compridas e de eixo orientado segundo a linha em que estão.

As dimensões são:

1. ^a	Comprimento	0 ^m ,11,	largura	0 ^m ,05,	profundidade	0 ^m ,03.
2. ^a	»	0 ^m ,15,	»	0 ^m ,04,	»	0 ^m ,03.
3. ^a	»	0 ^m ,20,	»	0 ^m ,05,	»	0 ^m ,04.
4. ^a	»	0 ^m ,20,	»	0 ^m ,04,	»	0 ^m ,04.

As duas afastadas da linha são circulares, uma afastada da linha 0^m,18, 0^m,14 de diâmetro e 0^m,10 de profundidade, a outra afastada da precedente 0^m,59, tem de diâmetro 0^m,10, e de profundidade 0^m,06. As covas em linhas distam umas das outras respectivamente: a primeira da segunda 0^m,17, esta da do centro 0^m,18, esta da terceira 0^m,27, a terceira da quarta, 0^m,16.

O grupo das três está a 2^m,5 do grupo descrito. Estão dispostas em triângulo de vértice anterior, onde está situada a maior. Esta tem de diâmetro 0^m,40, e 0^m,19 de profundidade. Das outras, uma é ligeiramente ovalar (0^m,11 × 0^m,08, com 0^m,05 de profundidade), a outra circular (0^m,20 de diâmetro, 0^m,10 de profundidade). Distam da primeira e maior: a ovalar 0^m,34; a circular pequena 0^m,13 e estas, uma da outra, 0^m,56.

À esquerda das primeiras insculpturas que descrevemos, logo à entrada da bouça, descendo, encontrámos dois penedos um sobreposto ao outro com covinhas. No primeiro estão cavadas cinco covinhas pequenas, dispostas irregularmente, distando umas das outras aproximadamente 0^m,07 e de iguais dimensões: 0^m,07 de comprimento, 0^m,05 de largura, 0^m,04 de profundidade. São como se vê, ovalares. No outro penedo, inferior a àquele 1 metro, vêem-se três covinhas, maiores que as descritas e de forma circular. Afectam uma disposição triangular, irregular; medem: uma 0^m,13 de diâmetro e 0^m,13 de profundidade; outra 0^m,15 de diâmetro e 0^m,07 de profundidade; a terceira 0^m,12 de diâmetro e 0^m,08 de profundidade.

Logo abaixo destes penedos vamos encontrar o resto de duas fossas, abertas no granito, mas das quais só resta parte das paredes superiores. Há vestígios do restante, mas em tal estado que me é impossível reconstruí-los. Dois cortes pertencem a uma, dois cortes a outra. São bastante grandes; assim a primeira mede na parede A 0^m,53 de comprimento. Esta parede foi destruída pelos pedreiros, e eu presumo que um outro bocado de granito muito pequeno próximo deste e alinhado também fizesse parte desta fossa. À largura apresentada por uma das paredes mede 0^m,57 e a profundidade é de

0^m,31. A outra parede da fossa ia encontrar-se com a parede da primeira, formando um ângulo recto, tem 1^m,04 de comprimento e 0^m,33 de alto. O resto da parede lateral mede 0^m,60. Os cortes na rocha granítica são tais como os representa a nossa gravura.

Chegaremos ao fim desta tarefa mencionando as últimas insculpturas que hoje se vêem na Bouça da Venda. Num grande penedo de superfície muito irregular, notamos dez covinhas redondas e uma rectangular, dispostas irregular e assimétricamente e a diferentes alturas.

O penedo onde estão insertas estas gravuras foi quebrado, e quando aí estive tomando apontamentos lá andavam os pedreiros quebrando este e outros penedos mais inferiores. Uma cova rectangular já bastante corroída, mede 0^m,40 × 0^m,40 e tem de profundidade 0^m,09; dentro desta e um dos ângulos está cavada uma covinha circular 0^m,13 de diâmetro e 0^m,08 de profundidade. Outra covinha dista da rectangular 0^m,11 e mede 0^m,14 de diâmetro e 0^m,12 de profundidade.

(Continua).

MANUEL DE VASCONCELOS.

A nomeação do pessoal superior da imprensa da Academia Rial de História

O conde Raczyński no *Dictionnaire historique-artistique du Portugal*, publicado em 1847, erudita compilação de muitos materiais espalhados em autores portugueses, dá-nos os nomes de três gravadores estrangeiros que vieram para Portugal a chamado do inteligente rei D. João V, monarca que dispunha de bom gosto, inclinação para as artes e sciências e recursos para as manter e fomentar.

Chamavam-se Theodoro André Harwyn, João Rousseau e Rochefort. As indicações que deles nos dá são bastante parcas, mas o achado que fiz na correspondência diplomática do pai de D. José I ministra-nos elementos apreciáveis.

Theodoro André Harwyn era casado com Catarina Previgny, os quais assinaram o contrato na cidade de Haia em 1 de Abril de 1726.

Rousseau, que se assinava Rousset, apresentou umas propostas também no ano de 1726.

Rochefort e Diogo de Mendonça Côrte Real, como representantes do rei, assinaram o contrato em Maio de 1726 na Haia.

Harwyn veio para Portugal como impressor de estampas, Rousseau como director da imprensa e Rochefort como gravador ou *graveur* aportuguesamento de *graveur*.